

A PRESENÇA DA CULTURA ESCRITA NO MEIO RURAL ENTRE AS DÉCADAS DE 1920 E 1940: O CASO DE LEITORES ASSÍDUOS

The presence of written culture in rural areas between the 1920s and 1940s: the case of assiduous readers

Lisiane Sias Manke¹

RESUMO

O artigo discute questões relativas à trajetória de cinco *leitores assíduos*, de modo a demonstrar as estratégias de acesso e os usos da cultura escrita no meio rural, especialmente, entre as décadas de 1920 e 1940, período em que estes atores tiveram os primeiros contatos com a leitura e a escrita. A investigação está ancorada nos pressupostos teóricos vinculados a história da leitura, com o que propõe o historiador Roger Chartier, e aos conceitos da sociologia da leitura e da cultura, discutidos por Bernard Lahire. A análise das trajetórias individuais permitiu compreender que apesar das dificuldades de acesso à escola, havia uma *forte crença* na cultura escrita, como algo fundamental para a formação cidadã. Ainda, o estudo dá visibilidade à circulação de manuscritos e impressos no meio rural como principal forma de informação e comunicação no período analisado, sendo possível vislumbrar a diversidade de relações estabelecidas com a cultura escrita no meio rural.

Palavras-chave: História da Leitura; Meio Rural; Leitores Assíduos.

ABSTRACT

The article discusses issues related to the trajectory of assiduous readers, in order to demonstrate strategies for access and use of written culture in rural areas, especially between the 1920s and 1940s, period in which these readers had their first contacts with reading and writing. The research is based on the theoretical assumptions tied to the history of reading, studied by the historian Roger Chartier, and the concepts of reading and cultural sociology, discussed by Bernard Lahire. The analysis of individual trajectories allowed the researcher to understand that despite the difficulties of access to school, there was a strong belief in written culture, as something important to civic education. Still, the study provides visibility to the circulation of manuscripts and printed materials in rural areas as the main form of information and communication in the analyzed period, making possible to glimpse the diversity of relationships established with the written culture in rural areas.

Keywords: History of Reading; Rural Areas; Assiduous Readers.

Rural e urbano foram representados de modo antagônico por longo tempo nos estudos da sociologia rural. Para Carneiro (2008), “a sociologia rural, na sua constituição como disciplina específica, provocou a reificação de uma imagem dicotômica da sociedade sustentada na oposição entre cidade e campo como dois universos substantivamente distintos” (p.22). Deste modo, segundo a autora, convencionou-se representar o espaço urbano como lugar da civilização e da modernidade, enquanto que ao rural restou o

¹ Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Professora da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: lisianemanke@yahoo.com.br

estigma do atraso, da tradição e do estático. Diante da representação atribuída ao espaço rural em contraposição ao urbano, da ausência de pesquisas substanciais sobre a presença da cultura escrita neste contexto, e da sociedade urbana ser considerada o “berço da cultura escrita” (VIÑAO FRAGO, 1999), tem-se como resultado a compreensão de que o meio rural é o local da ausência ou da rarefação das práticas de leitura e de escrita. Contudo, para Carneiro (2008), há a necessidade de perceber o rural como espaço heterogêneo, capaz de englobar uma diversidade de atores e práticas sociais. Para as novas concepções desenvolvidas pela sociologia rural, o enfraquecimento das fronteiras entre rural e urbano não leva necessariamente à homogeneidade dos dois espaços, como se não existissem modos de vida específicos desses locais, mas permite entender o rural como espaço dinâmico, onde pode haver a mobilidade espacial e a preservação da identidade social, “é o caso da manifestação de práticas culturais entendidas como rurais em espaços definidos como urbanos e vice-versa” (CARNEIRO, 2008, p. 35).

Neste texto serão abordadas algumas questões relativas a presença da cultura escrita² no meio rural, contrapondo a ideia da inexistência de tais práticas neste espaço, a partir da análise da trajetória de *leitores assíduos*³, que viveram o período de escolarização entre as décadas de 1920 e 1940. A abordagem que se estabelece advém do resultado de uma pesquisa concluída⁴, que teve como tema o estudo das práticas de leitura de leitores rurais, que leem cotidianamente, de forma não profissional. Os pressupostos teóricos que nortearam a análise estão vinculados à história da leitura, e aos conceitos da sociologia da leitura e da cultura, na qual o indivíduo ganha espaço e representatividade como sujeito único, porém, vinculado a um determinado grupo social. Neste sentido, os estudos do sociólogo Bernard Lahire (2002, 2004, 2005) apresentam significativas contribuições à investigação, frente ao conceito da sociologia *à escala individual*, na qual o social é abordado individualmente. A partir deste suporte teórico, indivíduos que residem em municípios da região Sul do Estado do Rio Grande do Sul, compuseram o quadro de atores analisados neste texto, quatro homens e uma mulheres, sendo eles: Antonio, Nei, Henrique, Ismael e Tecla⁵.

Os leitores em evidência nasceram entre os anos de 1916 e 1936, tendo cursado de três a cinco anos da escola primária, com exceção de Ismael que não frequentou a escola formal, e de Nei que cursou até o secundário. Todos são oriundos de famílias de agricultores, descendentes de imigrantes europeus, que durante a vida profissional trabalharam em atividades rurais com mão de obra familiar. Não se trata, portanto, de famílias abastadas e com alta escolarização. Como agricultores, estes atores, não desenvolveram uma atividade de destaque social. Pode-se também considerar que as distâncias geográficas que caracterizam o meio rural tendem a dificultar o acesso a uma série de atividades culturais.

² Conforme Brito (2005), “cultura escrita é, de todos os termos, o mais amplo e que procura caracterizar um modo de organização social cuja base é a escrita”. (p. 15).

³ Caracteriza-se como *leitores assíduos* aqueles indivíduos que leem constantemente e intensamente, com o intuito de instruírem-se ou por prazer de ler.

⁴ Trata-se da Tese de doutorado “*História e Sociologia das práticas de leitura: a trajetória de seis leitores oriundos do meio rural*”, defendida em 2012 no PPGE/FaE/UFPel, sob a orientação da Profa. Dra. Eliane Peres.

⁵ Optou-se por utilizar apenas o primeiro nome dos atores e não divulgar o local de residência, de modo a preservar as identidades destes.

Assim, se forem elencados somente elementos como herança familiar e educação escolar como determinantes principais para a formação das práticas socioculturais, seria difícil considerar e entender a formação da *disposição* (Cf. LAHIRE, 2002) para a leitura destes atores. Chartier (2002) auxilia a compreender essas situações quando afirma ser fundamental que os estudos se ocupem de reconstruir situações particulares, desprendendo-se do olhar único para as estruturas que regulam as relações sociais, sendo imprescindível considerar em suas formas sociais “as racionalidades e as estratégias executadas pelas comunidades, parentelas, famílias, indivíduos”. (CHARTIER, 2002, p. 84).

Deste modo, neste estudo o social é investigado através do indivíduo em sua forma incorporada, ou seja, do *social dobrado* (LAHIRE, 2002). Assim, ao considerar que as disposições interiorizadas são resultado de socializações passadas, o indivíduo é resultado da realidade *social desdobrada*. Para Lahire (2002) apreender a realidade social é algo bastante complexo, sendo necessária uma série de informações que precisam ser comparadas sobre o mesmo indivíduo para que se apreenda o *social dobrado*. Para tanto, a análise deve ocorrer no sentido *vertical*, ou seja, no cruzamento de diversos dados que correspondam à trajetória de um mesmo indivíduo. A partir deste aporte teórico-metodológico, no qual a coleta dos dados é ancorada especialmente nas fontes orais, foram realizadas 25 entrevistas com os cinco atores, definidas como *entrevistas em profundidade*, ou seja, longos depoimentos nos quais os leitores falavam livremente sobre suas trajetórias de vida e a relação com a leitura. Além das entrevistas, outros documentos somaram-se aos materiais empíricos, tais como, o registro de *notas de campo* (BOGDAN e BIKLEN, 1994), o acervo de livros dos depoentes, entre outros documentos pessoais destes, como cartas, inventários e textos manuscritos.

Para a análise dos dados observou-se o que alerta Lahire (2004) em relação ao cuidado para não homogeneizar contextos que são heterogêneos, buscando considerar as singularidades dos princípios de socialização, nos diferentes períodos de uma trajetória. Assim, as variações e as permanências foram consideradas, buscando-se apreender as dissonâncias e contradições que os depoimentos apresentavam, mesmo ao considerar que muitas vezes tais aspectos colocam-se de maneiras quase imperceptíveis ao entrevistado, que normalmente procura manter um discurso coerente sobre sua trajetória social.

As estratégias de acesso e a presença da cultura escrita na trajetória de indivíduos rurais.

Ao abordar a trajetória de indivíduos rurais este texto busca embasar-se nos novos pressupostos que as investigações científicas propõem, ao possibilitar resultados mais consistentes em relação às práticas culturais dos diversos grupos sociais. Para Chartier (1994), as abordagens que partem da contraposição entre populares e eruditos, pobres e ricos, operários e intelectuais, rurais e urbanos, foram amplamente assumidas e proporcionaram uma base de conhecimento fundamental para estabelecer outras interrogações. No entanto, por estarem baseadas em uma concepção de caráter sociográfico, apresentam de forma implícita que as clivagens culturais são organizadas conforme um recorte social prévio. Para o autor é necessário recusar essa dependência

que vincula práticas culturais e grupos sociais, pois desta forma, as diferenças culturais estariam estabelecidas *a priori* entre os grupos sociais. Conforme afirma o autor ao se referir à história do livro:

Não há o que obrigue as partilhas culturais a se ordenarem de acordo com uma grade única de recorte do social, recorte esse que supostamente comandaria a desigual presença de objetos culturais, bem como as diferenças de conduta em relação a eles. A perspectiva deve ser modificada, preocupando-se em desenhar, primeiro, as áreas sociais nas quais circulam cada corpus de textos e cada gênero de impresso. Partir, então, dos objetos e não das classes ou dos grupos (...). (CHARTIER, 1994, p.15).

Portanto, para Chartier (2002), é fundamental que os estudos mudem o enfoque desprendendo-se do olhar único às estruturas que regulam as relações sociais para alcançar as práticas e os objetos que permeiam os diferentes espaços sociais. Nesse sentido, o objeto da história deixa de ser as estruturas sociais que regulam as relações sociais, passando a abarcar as racionalidades e as estratégias que compõem as dinâmicas práticas socioculturais que envolvem comunidades, famílias e indivíduos. (CHARTIER, 2002, p. 84). Para tanto, compreende-se que a sociologia *à escala individual* (LAHIRE, 2002) contribui no sentido de possibilitar uma abrangência maior do social em sua diversidade, ao investigar o indivíduo sem rotulá-lo *a priori* pelo espaço onde vive e pelas relações que deveria estabelecer no contexto social.

Sendo assim, ultrapassando a relação antagônica entre urbano e rural, ao compreender-se que há uma variedade de práticas socioculturais que se mesclam em ambos os espaços sociais, busca-se dar visibilidade ao meio rural como espaço que contempla na experiência dos indivíduos as práticas de leitura e escrita. No entanto, a perspectiva não parte do *grupo rural* e de suas especificidades, mas do *ator social* que, entre outras características, é morador de espaços rurais. Dessa forma, não são ignoradas as singularidades culturais próprias deste espaço, como a relação com a natureza e as dificuldades de acesso aos bens culturais devido às distâncias geográficas, mas problematizadas a partir da trajetória dos atores sociais. Assim, o olhar procede do indivíduo para o contexto e não de um contexto sociocultural, previamente estipulado, para o indivíduo. Reafirma-se, então, que a trajetória destes atores sociais, que será analisada na sequência do texto, contribui de forma significativa para a construção de novas percepções sobre a presença e as relações que são estabelecidas com a cultura escrita na primeira metade do século XX, na região sul do estado do Rio Grande do Sul, diante da circulação de jornais, livros, revistas e de correspondências manuscritas.

Tecla: o contexto familiar permeado pela cultura escrita

Tecla era a caçula de uma família de três irmãos, que trabalhava no cultivo de diversos gêneros agrícolas e no comércio de manteiga, que era produzida pela família. Seus irmãos mais velhos estudaram em escolas da zona urbana, onde ambos cursaram o Ensino Técnico de nível secundário, exemplo que não foi seguido por Tecla. Em uma escola vinculada à Igreja Luterana, localizada cerca de 10 km da residência dos pais, Tecla

cursou somente até o 5^a ano do Ensino Primário, por ser esta a oferta de ensino existente nas zonas rurais naquele período, ou seja, décadas de 1930/1940. Mesmo o ensino primário, segundo ela, foi realizado com dificuldades, devido à distância da escola em relação à casa dos pais. A família insistia para que Tecla morasse com uma tia enquanto realizava o ensino primário para facilitar o deslocamento. Mas, para ela, a saudade de casa era o motivo que lhe impedia de aceitar essa situação: *“eu só enxergava o cavalo do meu pai e eu queria ir pra casa”*. Ainda relembrou uma ocasião em que saiu fugida da casa da tia, enquanto todos dormiam, ao nascer do dia, para voltar para casa. Diante da recusa em sair de casa para realizar os estudos, seus pais compraram-lhe um cavalo, e ela passou a viajar a cavalo pelas estradas rurais todos os dias até a escola.

Tecla, ao falar da escola não o faz com entusiasmo, especialmente ao lembrar as punições escolares. Na escola paroquial frequentada, os castigos físicos faziam parte do cotidiano escolar, servindo para punir as faltas cometidas, impor a autoridade do professor e manter a ordem e a disciplina. Ao se referir à relação entre professores e alunos, disse: *“Ah! aquilo era assim... a gente chamava a professora de general”*, indicando a rigidez e disciplinamento no ambiente escolar. Tecla relatou um episódio vivenciado na escola, que certamente marcou a sua infância, no qual o professor e também pastor da comunidade religiosa a qual a escola estava vinculada, puniu severamente o comportamento de um grupo de amigas. Ao concluir, demonstrando indignação em relação às práticas escolares da época, afirmou: *“a escola era outra coisa!”*. Para Tecla, os castigos físicos tornavam-se ainda piores quando eram aplicados injustamente, o que era comum acontecer. Além disso, ao que parece, a autoridade do professor era inquestionável, conforme mencionou: *“ninguém dos pais foi lá falar com ele, nenhum dos pais reclamou!”*.

Ela não reconhece a escola como um espaço motivador de seu gosto pela leitura, certamente, motivada por tais recordações. Mas, com orgulho, define-se como uma “leitora de berço”, tendo convivido com o pai, a irmã e o irmão que eram leitores. A imagem de seu pai lendo ainda é muito presente para Tecla: *“ele fazia os trabalhos na rua e vinha e sentava, tapava as pernas e os pés com uma manta e ali ele lia, às vezes, ria com os livros que lia”*. O pai que era de origem alemã e cursou o equivalente aos primeiros anos do ensino fundamental, era um *leitor assíduo*, conforme a descrição de Tecla. Ele era assinante de um jornal do Estado de Santa Catarina, que trazia especialmente notícias sobre a comunidade de imigrantes europeus, e um jornal local, da cidade de Pelotas. Os jornais eram semanais e quinzenais e chegavam à colônia através da linha de ônibus ou do transporte de caminhões comerciais, isto na primeira metade do século XX. Segundo Tecla, a chegada do jornal era aguardada ansiosamente por seu pai: *“ele ficava de lá pra cá: ‘já tinha que ter vindo o jornal, mas não chegou o jornal!’”*.

Conforme conta, na casa de seus pais havia um grande acervo de livros adquirido pelos irmãos e pelo pai. O irmão costumava acompanhar seu pai no comércio de manteiga e ao retornar trazia consigo revistas que eram apreciadas por ela: *“ele comprava revista, A Noite Ilustrada, Carioca e Revista do Globo, e gibis, mas eu nunca li, nunca li gibi, revista em quadrinho nunca tive interesse. Mas aquelas revistas! Eu me lembro de reportagens que eu li naquelas revistas até hoje!”*. Em relação aos livros adquiridos pela irmã, referiu-se com

entusiasmo e certa ironia sobre a leitura dos romances cor-de-rosa: “*minha irmã comprava os romancinhos da coleção cor-de-rosa [risos], aquela água com açúcar, tu começa a ler tu já sabia como terminava*”.

Contudo, seus relatos demonstram que não era apenas de romances cor-de-rosa que o acervo de sua irmã era composto. Segundo conta, a irmã mantinha correspondência, no período pós II Guerra Mundial, com uma amiga na Alemanha, de quem recebeu um livro como presente: “*a minha irmã tinha uma correspondente que perdeu o marido na guerra, ele era médico. Tinha um livro que ela ganhou dela, todo ilustrado. Ela mandava coisas pra lá e eles mandavam de lá.*” Fato este, que evidencia que mesmo diante das distâncias geográficas e do possível isolamento a que estariam condicionadas as populações rurais, havia estratégias de comunicação, mediadas pela cultura escrita. Conforme Tecla, a única recordação destas correspondências é o livro que ela guarda entre seus pertences, denominado *Deutschland in Bildern* [Alemanha em imagens], de 1947 – um livro predominantemente composto por imagens de diferentes cidades alemãs, todas em preto e branco –, com dedicatória indicando o nome da destinatária, da remetente e de suas cidades de origem.

Além dos livros, a irmã também assinava uma revista alemã que era enviada de Santa Catarina, como explicou: “*porque ela era correspondente um tempo de uma livraria de Santa Catarina, e através dela fazia as assinaturas da Burda⁶ e desses figurinos alemães*”. Todos estes aspectos tornam evidente a imersão de Tecla em um espaço familiar de leitura, responsável pela incorporação de sua disposição para a leitura. Conforme Lahire (2004, p.28), é grande a propensão de que a incorporação de uma disposição ocorra mediante a repetição sistemática, cotidiana e de longa duração, o que o autor aponta como “super-aprendizagem”.

Nei: a infância em meio aos jornais

A relação de Nei com a cultura escrita também ocorreu inicialmente, no contexto familiar, sendo oriundo de uma família de pouca escolarização, mas muito próxima da cultura letrada. Ele falava do seu percurso escolar lembrando a trajetória escolar de seu pai: “*meu pai era um homem que tinha muita cultura para época*”, referindo-se às primeiras décadas do século XX, diante do isolamento das comunidades rurais e das dificuldades de acesso à escola. De maneira orgulhosa, afirmou: “*meu pai era também um apaixonado por leitura(...)*”. Nei e os seus irmãos estudaram em uma escola rural até o 5º ano. Os irmãos estudaram somente neste período de cinco anos, segundo Nei porque gostavam da vida no campo e precisaram dar continuidade aos negócios de seu pai. Ele, no entanto, fez outra escolha: “*eles foram até o 5º ano, mas eu sempre tive muita vontade, vivia sempre de livro na mão, e até hoje, sempre querendo estudar*”. Diante da disposição para os estudos, seu pai permitiu que ele fosse estudar na zona urbana do município de Canguçu (RS), onde cursou o ginásio durante três anos, posteriormente, esteve um ano na cidade de

⁶ *Burda Modas* é uma revista de costura e moldes de vestuário, surgiu em 1950, na Alemanha. Atualmente, a revista é publicada em 19 línguas e distribuída em 89 países, mas somente em 2010 a Revista *Burda Style* passou a ser distribuída também no Brasil. (<http://www.modapraler.com/2007/02/moldes-para-todos.html> - Acesso em 20/11/2011).

Pelotas (RS) realizando o curso científico. O retorno para a casa dos pais ocorreu devido a uma grave pneumonia, mas o fim da carreira estudantil também foi motivado pelo início do namoro com sua futura esposa: *“eu vim convalescer em casa [devido a pneumonia], mas aí já arrumei uma namoradinha, e fiquei aqui”*.

A figura paterna foi fundamental na formação escolar de Nei, aos cinco anos de idade ele e os outros três irmãos foram alfabetizados pelo pai: *“ele [pai] assinava junto com um cunhado dele, o tio Honório, um jornal de Bagé, o Correio do Sul, eu aprendi a ler naquele jornal”*. O jornal foi o material escrito com que mais teve contato, tanto na infância quanto depois de adulto. Além do jornal, Nei falou sobre as atividades de ensino realizadas pelo pai: *“a gente trabalhava na parte da manhã e depois, no verão, a gente estudava assim: tinha a sesta, e depois do almoço meu pai sempre deitava uma hora, mas antes de começar o serviço, eu me lembro daqueles ditados intermináveis. Ah! Se fazia muito ditado! E tinha os dias de chuva também”*. E ainda complementou: *“quando chegamos à escola já sabíamos, vamos dizer assim, o primeiro livro e as primeiras operações de Matemática”*.

Ao comentar sobre suas preferências literárias, destacou com ênfase a importância da leitura de jornais, o que revela uma disposição fortemente interiorizada. A relação com este meio de comunicação iniciou na infância: *“porque ele [pai] sempre assinou jornais, com cinco anos eu já lia jornal”*. O jornal foi o material escrito com que mais teve contato quando criança; pode-se inclusive considerar que os jornais ocuparam o lugar dos livros literários infantis durante a sua infância. Para ele, a primeira fonte de informação a chegar às zonas rurais foi o jornal, antecedendo o rádio à bateria, que foi adquirido por sua família somente em 1937, quando ainda era bastante raro na região. No entanto, nas primeiras décadas do século XX, o jornal já estava presente nas zonas rurais como única fonte oficial de notícias, aspecto que permite perceber a longínqua presença da cultura escrita nas zonas rurais. Nei relembrou: *“papai recebia o jornal, primeiro o Correio do Sul, o dono desse jornal chamava-se João Pampa Ribas, era um intelectual de nome, um polemista terrível, naquele tempo havia muita polêmica pelos jornais”*. De acordo com o que relatou, os jornais que seu pai assinava percorriam um longo caminho até chegarem ao destino final: *“de Bagé vinha de trem pra Pelotas, de lá distribuíam para Canguçu, vinha numa carruagem chamada diligência, uma carruagem de quatro rodas, ali o encarregado classificava e distribuía. Depois alguém ia buscar ou mandavam por alguém.”* O longo caminho percorrido pelos jornais fazia com que os exemplares chegassem com atraso à residência dos assinantes. Desta forma, a leitura do jornal, por vezes, poderia ser embaraçosa diante das várias edições que chegavam ao mesmo tempo, como explicou Nei: *“o jornal era diário, mas pra chegar nas mãos aqui no interior só quando a gente ia à Canguçu, (...) só à cavalo, então quando ia, vinha uma pilha de jornal. Para a gente ler era meio complicado, a gente queria ver eram as últimas notícia, então ia ficando aquelas outras, que sempre tinha muita coisa interessante. Aquela época não era fácil, as notícias quando chegavam aqui já se estava interessando nas outras mais novas, já se olhava as mais novas.”*

⁷ *Correio do Sul* foi um jornal diário, editado em Bagé (RS), que circulou de 1914 até 2008, em Bagé e nos municípios vizinhos, com notícias voltadas à região e à comunidade local. Passou por longos períodos de dificuldades econômicas e financeiras, tendo seu funcionamento suspenso em 1994 e 2003. Encerrou novamente as atividades em 31 de dezembro de 2008. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Correio_do_Sul_ Acesso em 19/01/2012).

Em relação à leitura de livros, Nei demonstrava ser criterioso reconhecendo as hierarquias literárias atribuídas pela instituição escolar. Conforme contou, leu muitos romances no período em que era estudante: “*eu li aquelas grandes obras, os grandes clássicos, de autores como Alexandre Dumas*”. Lia também a literatura que acompanhava os jornais: “*tinha aqueles folhetinhos de romance que vinham nos jornais, os grandes romances, mas esses não eram diários*”. Ainda em relação às leituras realizadas na adolescência, referiu-se a um livro intitulado *O Sinal Fatídico*⁸: “*era literatura policial, de uma escritora americana*⁹, *mas uma história que era um primor, era uma obra que dava impressão de realidade, impressão de que era real mesmo*”.

Ainda, entre seu acervo de materiais impressos, uma carta manuscrita possuía significativa representação para Nei, e que novamente corrobora para evidenciar os usos da cultura escrita. Trata-se de uma carta de 1906, através da qual seu tio Antonio Cardoso mandava notícias à família. Conforme Nei, o autor da carta seria o irmão mais novo de João Cardoso, personagem do conto *O mate de João Cardoso*, que compõe a obra *Contos Gauchescos*, de João Simões Lopes Neto. Ao narrar os acontecimentos que envolveram o personagem de João Cardoso, Nei tinha a preocupação de sempre reafirmar que: “*realmente João Cardoso existiu, era primo da minha mãe, meu tio segundo, e eu para provar eu tenho a carta do irmão dele.*” Tais aspectos permitem observar que Nei conviveu com a cultura escrita desde a infância, sendo especialmente motivado a ler e escrever pelo pai, que lhe alfabetizou e que praticava com frequência a leitura.

Henrique: a presença das letras na embalagem de papel fumo

No caso de Henrique, o primeiro contato com a cultura escrita é narrado com clareza de detalhes. Conforme suas palavras, a alfabetização possibilitou sua inclusão no mundo das letras e lhe ofereceu a condição de leitor, o conhecimento “*mais importante que a espécie humana tem*”. Henrique frequentou a escola por um curto período, tendo concluído o 3º ano do ensino primário. No entanto, a relação com a cultura escrita ocorreu antes mesmo deste período. Conforme relatou, na infância passava muito tempo com a avó paterna, pois ela estava muito doente e sua presença lhe distraía. É deste período que vem a lembrança das primeiras letras, ao recordar-se da embalagem de papel para enrolar fumo de cigarro: “*eu não conhecia o que era letra naquela época, mas eu gostava do florão da letra, a letra era grande, encarnada contra um papel amarelo, chamava a atenção, e por ali eu comecei a me incluir dentro da letra*”. Assim, a “*inclusão no mundo das letras*” ocorreu com a avó apresentando-lhe as quatro letras da palavra ‘leão’: “*chamava-se leão as folhinhas de fazer cigarro enrolado, então tinha o leão ali no lado, e ela então começava apontando pra mim, e falava nas letras, até que eu vi como era que escrevia leão, e por ali eu comecei*”. Sabe-se que na primeira metade do século XX os produtos eram comercializados sem

⁸ WILTON, Louis. *O Sinal Fatídico*. Porto Alegre: Globo, 1937. (literatura estrangeira, coleção amarela). (<http://www.estantevirtual.com.br> – Acesso em 19/01/2010).

⁹ Nei referiu-se a uma escritora, no entanto, a referência encontrada sobre este livro é de um escritor, Louis Wilton.

embalagem própria, em forma a granel, o que, certamente, restringia a convivência com o universo das letras que permaneciam “encerradas” nas folhas dos livros e cadernos. Nesse contexto, essas experiências com as letras – ainda restritas – ganhavam relevância mantendo-se na memória.

Pouco mais tarde, Henrique foi alfabetizado pelo seu pai e antes de chegar à escola já sabia ler. Henrique é oriundo de uma família de doze irmãos, todos escolarizados, embora as dificuldades de acesso à escola fossem grandes, conforme suas palavras: “*nós ia lá no rincão, no colégio pago a dinheiro, não era público, era tudo pago, os pais dos alunos tinham que pagar. Depois os arroio enchiam muito e caía as pinguela e nós perdia muita aula*”. Mesmo tendo vivenciado por apenas três anos o ambiente escolar, as recordações da escola são muito presentes na memória de Henrique. Sendo a casa paterna o espaço onde Henrique incorporou a crença na importância “do saber”, “do conhecer”, passando a valorizar a cultura letrada como fonte de conhecimento, o que lhe fez concluir: “*a coisa mais importante que a espécie humana tem é a letra e a leitura.*”.

Antonio: a ausência da escola frente ao preconceito étnico

No caso de Antonio, que concluiu o 4º ano do ensino primário, o período escolar é lembrado com nostalgia e ressentimento. Em 1942, ele cursava o quinto ano do ensino primário, quando foi afastado da escola: “*eu ia me formar naquele ano, eram três alunos, os primeiros que iam se formar na Escola Bonfim. Eu ia me formar no ensino primário, já estava com 13 anos!*”. Conforme conta, sua mãe tinha uma preocupação constante com a família e, em um determinado dia, ele chegou da escola queixando-se que os colegas estavam lhe chamando de “quinta coluna¹⁰”, o que levou sua mãe a não hesitar em dizer-lhe: “*então não vai mais!*”. Aos cinco anos de idade Antonio ficou órfão de pai, fato que fragilizou sua família, fazendo de sua mãe a única responsável pela criação e educação dos cinco filhos, sendo ele o mais moço dos irmãos.

Antonio estudou os três primeiros anos em uma escola paroquial luterana: “*o ensino era em língua alemã, alguns dias tinha uma hora em português*”. Mas com o início da Segunda Guerra Mundial e os problemas diplomáticos entre o Brasil e a Alemanha, as comunidades alemãs tornaram-se muito vulneráveis, o que motivou a troca de escola, conforme seu relato: “*correu a notícia de ser proibida a língua alemã, como minha mãe era viúva se preocupava muito, nós morava muito longe desta escola [escola paroquial], e surgiu uma escola em língua portuguesa muito próxima de onde nós morava, pegamos a frequentar essa escola*”. Mesmo com a transferência de Antonio para esta escola que, assim como a escola paroquial luterana, era mantida pela contribuição dos pais, a discriminação étnica, temida pela sua mãe, não foi totalmente afastada. Antonio contou que no ano de 1941, aos 12 anos de idade, conforme a tradição religiosa, deveria fazer o curso de Ensino Confirmatório. Para tanto, deslocava-se mensalmente à igreja, o que era feito de forma cuidadosa, para não revelar o vínculo com uma comunidade alemã, ia a cavalo por entre os

¹⁰ Quinta coluna é um termo utilizado para definir pessoas que agem clandestinamente em um determinado país, como o intuito de ajudar o seu país de origem, em caso de uma guerra civil.

matos para não chamar atenção. Mas, mesmo assim, seus colegas de escola descobriram suas frequentes idas à igreja: *“então, eles começaram a me chamar de ‘quinta coluna’ por causa da Segunda Guerra Mundial”*. Devido a este episódio, o processo escolar de Antonio foi interrompido drasticamente, marcando fortemente sua infância, o que pode ser percebido no tom de sua voz e no seu olhar quando relembra esses acontecimentos.

Antonio vivenciou um momento de forte perseguição à etnia alemã na região sul do Estado. Conforme o estudo de Fachel (2002), em agosto de 1942 ocorreu o ápice da perseguição à cultura germânica, na região sul do Estado do Rio Grande do Sul: duas igrejas luteranas foram parcialmente queimadas, uma no município de Pelotas e outra no município de Cerrito, estabelecimentos comerciais saqueados e a língua alemã definitivamente proibida. Para o autor, a polícia gaúcha confundiu o nazismo com o luteranismo, provocando vandalismos e destruição nas comunidades alemãs, fechando escolas e destruindo documentos e livros na língua alemã.

Além da brutalidade outras estratégias também foram utilizadas pelo Estado Novo de Getúlio Vargas como mecanismo para amenizar a influência cultural germânica no país. Antonio rememorou uma viagem que fez quando tinha 11 anos, promovida pelo governo do Estado, durante as comemorações da semana da pátria, relatando: *“mas era só colono, tudo guri, alemão e italiano. Fomos de Pelotas pra Rio Grande, depois fomos de navio pela lagoa dos Patos até Porto Alegre. Ficamos a semana da pátria, desfilando e assistindo os desfiles na semana da pátria, pra aprender a ser brasileiro!”*. Nesta ocasião, Antonio e os demais colegas ganharam um livro, contendo imagens e frases do então presidente Vargas, exaltando a nação brasileira, material que Antonio ainda guarda entre seus pertences. No entanto, a intenção em ‘aprender a ser brasileiro’ não foi suficiente para evitar o preconceito, pois no ano seguinte foi afastado da escola, deixando um sonho para trás, claramente expresso na frase que foi dita em diversos momentos das entrevistas: *“eu ia me formar naquele ano”*.

Todas as vezes que o contexto escolar foi retomado no diálogo, Antonio relatou as dificuldades de acesso à escola, a distância percorrida e os trabalhos domésticos realizados neste período. Em relação ao período em que estudou na escola paroquial luterana, disse: *“nós vinha lá dos fundos da cancha dos Raichow de carrocinha [carroça], era só a nossa igreja que tinha escola”*. Conforme Antonio, antes do longo trajeto até a escola, parte do trabalho rural devia ser realizado: *“nós [irmãos] tinha que trabalhar em tudo, levantar de madrugada tirar o leite e depois ir de carrocinha pra escola”*. Ao falar das dificuldades enfrentadas pela família, Antonio também lembrou a ausência do pai falecido precocemente. Assim, a infância deste leitor é marcada pela ausência da escola, pelas dificuldades familiares, mas também pelo incentivo as práticas religiosas, que exigiam o conhecimento da cultura escrita como meio de acesso ao conhecimento bíblico. O que possibilita compreender que sua relação com a cultura escrita, interrompida na idade escolar, foi fomentada durante toda a sua trajetória de vida.

Ismael: uma trajetória marcada pela ausência da escola formal

“Sou um quase analfabeto”, palavras que Ismael retomava sempre que falava da sua condição de leitor e de cidadão não escolarizado. Ele não frequentou a escola formal e com certa tristeza disse não saber o que significa ir à escola, lamentando não haver entre seus documentos nenhum boletim escolar. Conforme relatou, na localidade rural em que seus pais moravam não havia escolas, entre as décadas de 1920 e 1930. Devido à ausência de escolas, ele foi alfabetizado por uma professora leiga, sem formação pedagógica para o exercício da profissão, que durante um ano morou na casa de seus pais, com o objetivo de alfabetizar as crianças da vizinhança. A este respeito, afirmou: “*eu tinha oito anos quando essa velha parou lá fora [zona rural], ela lia, escrevia e fazia as quatro operações, eu aprendi com ela*”.

Apenas durante um ano, em 1930, essa professora leiga, que se chamava Maria José Botelho Calderipe, uma senhora solteira de 67 anos, conforme rememorou Ismael, morou na casa de seus pais com a finalidade de alfabetizar as crianças da região: “*ela lecionava numa casa velha que tinha no lado da casa do meu pai, e tinha um salão grande, e as crianças dos vizinhos vinham ali e ela ensinava*”. Conforme Ismael, o pagamento pelo trabalho prestado era dividido entre os pais dos alunos: “*ela ficava lá [casa da família] e então meus pais não pagavam, os outros vizinhos é que pagavam*”. Ismael relatou com detalhes as atividades propostas pela professora que lhe alfabetizou, dizendo: “*ela ensinava de tudo um pouco, tava ensinando a cartilha e já dava instruções do descobrimento do Brasil, quem descobriu, o ano, a capital dos Estados, tudo aprendi dentro daquele ano*”. E ainda: “*ensinava o ABC na cartilha e a tabuada, ela era muito boa e gostava muito de matemática, mas o que ela dava todos os dias era tabuada. (...) Cópia sempre tinha, mas ela nunca fazia ditado, a gente não aprendia a escrever era só cópia*”.

Desse período Ismael guarda dois livros, um livro de História do Brasil que foi indicado pela professora e que seu pai comprou e outro de Geografia, que um primo lhe deu após utilizá-lo. Esses livros são citados em todos os depoimentos de Ismael, e ainda hoje servem de referência para as leituras que realiza. Como afirmou: “*o que me valeu... eu tenho aqui guardado os livros que eu tinha, que eu aprendi... eu guardo como uma relíquia. Foi onde eu aprendi o Descobrimento do Brasil, nesta História do Brasil*”. Estes livros também foram junto aos seus pertences no período em que serviu as Forças Armadas, atitude que demonstra a *crença* na importância deste conhecimento, que poderia assumir grande significado social fora das divisas de sua propriedade rural. No quartel Ismael prestou sua primeira prova escrita e diante da aprovação, fato que foi relatado com grande orgulho, teve a possibilidade de subir na hierarquia militar para o posto de Cabo.

Lahire (2006, p.39) afirma que a legitimidade de algumas práticas só ocorre quando existe a *crença* de um grupo ou comunidade no valor destas. Essa *crença* não é indissociável daquilo que o autor chama de *desejabilidade coletiva*, que marca a desigualdade social de acesso a determinados bens ou instituições, como a escola. Ismael demonstrou haver reconhecimento e *crença* na importância da instituição escolar por parte de sua família, exemplo disso é a compra de livros que poderiam contribuir para a sua formação, mesmo após o período de alfabetização. Lahire (2006) ainda considera que a instituição escolar é

central na produção da crença institucional, na medida em que é amplamente reconhecida pela obrigação imposta e por seus mecanismos de avaliação-sansão de produtos que inculca. A *crença* na relevância desta instituição pode ser observada nas falas de Ismael, quando o sentimento de inferioridade por não ter frequentado a escola é verbalizado na afirmação “sou um quase analfabeto”, mesmo sabendo que possui amplo domínio do código escrito.

A análise realizada a partir das estruturas individuais dos cinco leitores em evidência possibilita perceber, acima de tudo, a diversidade que compõe os grupos sociais. Como afirma Lahire (2004, p.322), os estudos que se ocupam do coletivo apresentam a tipificação do grupo, mas quando o olhar volta-se ao indivíduo singular é possível perceber a heterogeneidade que compõe o social. Ao desvelar as trajetórias individuais, observam-se os diversos contextos e situações vivenciadas que contribuíram para aproximar estes indivíduos da cultura escrita, possibilitando que incorporassem a disposição leitora, tornando-se leitores assíduos, que realizam de *leitura silenciosas e extensivas* (CHARTIER, 2002). As trajetórias sociais foram apresentadas tendo como base os aspectos que receberam maior ênfase na narrativa dos depoentes entrevistados, assim como foram privilegiados na construção do texto os aspectos que de algum modo contribuíram para demonstrar a presença e, por vezes, a ausência da cultura escrita no contexto rural, observando-se a relevância de duas instituições em especial, a família e a escola.

Considerações finais

A partir das trajetórias que foram expostas neste texto alguns aspectos merecem ser evidenciados no conjunto da análise. Entre estes, a inserção da família de Tecla na cultura escrita, evidenciando a presença de livros, jornais e revistas, na primeira metade do século XX, no meio rural. O mesmo é observado no caso de Nei, que conviveu desde a infância com a presença do jornal na casa paterna, tendo vivenciado a cultura escolar por significativo período, atualizando sua disposição leitora durante toda a sua trajetória de vida. No caso de Henrique, a *crença* familiar na importância da cultura escrita e as dificuldades de acesso à escola, contribuíram para que as práticas de leitura e escrita recebessem especial atenção ao longo de sua trajetória. Para Antonio, o ressentimento por ter sido afastado da escola, devido ao preconceito étnico-racial, levou o *interno* a permanecer em *estado de gestação* (LAHIRE, 2004). No caso de Ismael, que não frequentou a escola formal e não conviveu intensamente com a cultura escrita na infância, o valor atribuído a tais práticas é evidenciado diante de atitudes como a contratação de uma professora pelos pais e da compra de livros que lhe acompanharam por toda a vida. Sendo assim, para cada um dos atores, a relação com a cultura escrita durante a infância ocorreu de forma bastante particular, contribuindo para torná-los leitores assíduos.

Os aspectos que foram evidenciados apontam também para a circulação da cultura escrita no meio rural, observa-se as estratégias de acesso a livros, revista e jornais, considerando especialmente as distâncias geográficas, características do meio rural. Assim como, a circulação de cartas manuscritas como meio de comunicação, como relatou Nei

e Tecla. Deste modo, é possível observar os usos da cultura escrita nas práticas rurais, durante a primeira metade do século XX, mesmo quando a presença da escola era ainda bastante discreta, exigindo dos atores sociais estratégias de acesso a esta, como também relevam os depoimentos. Outro aspecto que ratifica a presença e os usos da cultura escrita é a circulação de jornais como principal meio de comunicação neste período. Conforme as narrativas, o jornal era enviado por diversos meios de transporte, por vezes os destinatários recebiam várias edições de uma única vez, o que dificultava, em razão da sequência a ser escolhida, a prática da leitura, como relatou Nei. Percebe-se, contudo, que o jornal que tardiamente, em relação ao seu dia de edição, chegava ao meio rural continua a despertar interesse, pelos artigos, crônicas, palavras cruzadas e, até mesmo, pelas “últimas notícias”. Assim, o jornal não estava relacionado à brevidade da notícia datada, que faz da edição do dia anterior uma fonte desatualizada. Na prática de leitura destes leitores o jornal era uma fonte de informação que possibilitava o acesso às notícias e o contato com o “mundo letrado”, conforme palavras e Nei.

Para os atores analisados, frequentar a escola entre as décadas de 1920 e 1940, significou vencer obstáculos ou criar estratégias, frente à distância, à inexistência, ou ainda, devido ao custo das mensalidades das escolas paroquiais. Para Tecla, sair da casa dos pais para estudar revelou-se impossível diante da ausência do convívio familiar, e o trajeto até a escola passou a ser realizado a cavalo diariamente. No caso de Antonio, órfão de pai, os trabalhos rurais deveriam ser realizados antes de ir à escola, depois, um longo caminho era percorrido de carrocinha até a instituição. Para Henrique ir à escola também significava caminhar a pé por caminhos sinuosos, passando por pinguelas¹¹ sobre arroios, além disso, era com dificuldades que a família pagava os custos de manutenção do professor, especialmente por se tratar de vários irmãos. Nei parece ter sido o filho escolhido pelos pais para receber um investimento em seus estudos, sendo o único entre os irmãos a estudar durante nove anos, inclusive em escolas do meio urbano, embora não tenha concluído seus estudos. No caso de Ismael, o ressentimento por não ter frequentado a escola formal se resume nas palavras constantemente ditas: “eu sou um quase analfabeto”, mesmo diante de suas práticas cotidianas de leitura.

Assim, as trajetórias demonstram que as dificuldades de acesso à escola no meio rural eram muitas, e que as trajetórias escolares, quando havia escolas nas localidades, resumiam-se a cinco anos de escolarização. Contudo, o valor atribuído às práticas escolares revela a crença na cultura escrita como algo fundamental para a formação cidadã, o que é observado nos relatos que apontaram para a iniciação dos filhos na cultura escrita antes mesmo do ingresso na escola. Sendo assim, estas questões, além de apontarem para a existência de práticas e estratégias específicas de acesso a cultura escrita, também contribuem para que se compreenda o contexto em que foi incorporada a gênese da disposição leitora¹² dos indivíduos analisados. Conforme Lahire (2004), os estudos que se ocupam de análises *à escala individual* têm a vantagem de perceber a diversidade que

¹¹ Ponte improvisada com troncos, sem proteção e estreita.

¹² Sobre a *gênese da disposição leitora*, consultar o capítulo III da tese “História e Sociologia das práticas de leitura: o caso de seis leitores oriundos do meio rural”, de Lisiane Sias Manke.

compõem os grupos sociais. Assim, os perfis sociais analisados possibilitam perceber que a disposição leitora é constituída de forma bastante particular e que diferentes matrizes de socialização podem contribuir para este processo.

Referências

- BOGDAN, C. Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Portugal: Porto, 1994.
- BRITO, Luiz Percival Leme. Letramento e Alfabetização. In: FARIA, A. L.; MELLO, S. A. **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- CARNEIRO, Maria José. “Rural” como categoria do pensamento. **Ruris**. Campinas, v.2, n.1, mar/2008. p.9-38.
- CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Ed. Da Universidade de Brasília, 1994.
- _____. **Cultura Escrita, literatura e História**. Porto Alegre: Artmed, 2001a.
- _____. **À Beira da Falésia: A história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Univ. UFRGS, 2002.
- FACHEL, José Plínio Guimarães. **As violências contra alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul**. Pelotas: Ed. UFPel, 2002.
- LAHIRE, Bernard. **Homem Plural: os determinantes da ação**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. **Retratos Sociológicos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- _____. (coord.). **Sociología de la lectura**. Barcelona: Gedisa, 2004a.
- _____. Patrimônios Individuais de Disposições: para uma Sociologia à Escala Individual. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n.49, 2005, p.11-42.
- _____. **A Cultura dos Indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- VIÑAO FRAGO, António. **Ler y Escribir: História de las prácticas culturales**. México: Fundación Educación Voces e Vuelos, 1999.
- WILTON, Louis. **O Sinal Fatídico**. Porto Alegre: Globo, 1937. (literatura estrangeira, coleção amarela). (<http://www.estantevirtual.com.br> – Acesso em 19/01/2010).

Entrevistas

- Antonio 1ª entrevista - 04/07/2007
 2ª entrevista - 26/09/2008
 3ª entrevista - 02/05/2009
 4ª entrevista - 15/09/2009
 5ª entrevista – 04/07/2010

Nei	1ª entrevista - 24/06/2007
	2ª entrevista - 16/02/2008
	3ª entrevista - 25/10/2008
	4ª entrevista - 22/08/2009
	5ª entrevista - 05/06/2010
Henrique	1ª entrevista - 23/06/2007
	2ª entrevista - 20/10/2007
	3ª entrevista - 22/02/2008
	4ª entrevista - 10/10/2008
	5ª entrevista - 26/09/2009
	6ª entrevista – 07/11/2010
Ismael	1ª entrevista - 04/06/2008
	2ª entrevista - 01/08/2008
	3ª entrevista - 25/08/2009
	4ª entrevista - 07/08/2010
Tecla	1ª entrevista - 11/08/2009
	2ª entrevista – 10/02/2010
	3ª entrevista - 14/10/2010
	4ª entrevista - 16/12/2010
	5ª entrevista - 02/03/2011

*Recebido em julho de 2014
Aprovado em setembro de 2014*